



NARRATIVAS INFANTIS: UMA EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Edinéia Castilho Ribeiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Doutoranda do Programa de Pós-graduação - UFRJ,
Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora- UFJF.
Professora efetiva da Rede Pública Municipal de Juiz de Fora. Integrante do
Departamento de Planejamento Pedagógico e de Formação da Secretaria Educação de
Juiz de Fora.
E-mail: edineiacastilho@yahoo.com.br

Márcia Mariana Santos de Oliveira
Universidade Federal de Juiz de Fora
Mestre em Educação
Licenciatura em Pedagogia – UFJF. Experiência em docência nos anos iniciais do
Ensino Fundamental – Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF.
Analista de Instrumento de Avaliação - CAEd/UFJF.
E-mail: mmariana-oliveira@bol.com.br

Resumo

A experiência apresentada neste trabalho vincula-se ao projeto intitulado “Possibilidades de uma produção fílmica com crianças da educação infantil”, financiado pelo FAPEB (Fundo de Apoio à Pesquisa na Educação Básica). Tal fundo objetiva possibilitar aos participantes a ampliação de conhecimentos além do desenvolvimento de pesquisas e outros estudos, sendo viabilizado por meio de uma lei municipal de incentivo ao magistério. O objetivo deste relato é apresentar o processo de construção da narrativa de um filme, com crianças que frequentam a última etapa da Educação Infantil, em uma escola da rede pública municipal de Juiz de Fora. As reflexões aqui desenvolvidas apresentam como a experiência e os processos de fruição e de produção de materiais audiovisuais, em uma instituição de educação infantil, proporcionam às crianças momentos de interações significativas e o desenvolvimento da imaginação criativa na infância. A metodologia adotada no estudo foi a observação participante. A análise foi realizada com base nas notas expandidas, produzidas a partir das observações no campo. Procuramos tecer diálogos, utilizando os pressupostos teóricos da psicologia histórico-cultural, o que possibilitou uma reflexão sobre a constituição histórico-cultural dos sujeitos e sobre o papel da linguagem nas relações de alteridade que constituem nossa experiência. Os resultados apontam que a oferta de diferentes narrativas possibilitou às crianças vivenciarem as histórias, ampliarem seus repertórios e resignificarem suas próprias narrativas a partir da literatura e das brincadeiras de faz-de-conta.

Palavras-chave: Infância. Narrativas. Linguagem.

Abstract

The experience presented in this paper is linked to the project entitled “Possibilidades de uma produção fílmica com crianças da educação infantil”, funded by FAPEB (Fund for Support to Research in Basic Education). This fund aims to enable participants to expand their knowledge besides the development of research and other studies, being made possible by a municipal law to encourage teachers. The objective of this work is to show the process of building the narrative of a film with children who attend the last stage of Early Childhood Education in a municipal public school of Juiz de Fora. The reflections developed here show how the experience and the processes of enjoyment and production of audiovisual materials in an institution of early childhood education provide children with moments of meaningful interactions and the development of the creative imagination. The methodology adopted in the study was participant observation. The analysis was performed on the basis of the expanded notes produced from the observations in the field. In this work, we try to weave dialogues using the theoretical assumptions of historical-cultural psychology, which made possible a reflection on the historical cultural constitution of the subjects and on the role of language in the alterity relations that constitute our experience. The results indicate that the offer of different narratives made it possible for children to experience stories, to broaden their repertoires, and to reframe their own narratives from literature and make-believe plays.

Keywords: Childhood. Narratives. Language.

Introdução

Esse texto é resultado do projeto intitulado “Possibilidades de uma produção fílmica com crianças da Educação Infantil” desenvolvido no decorrer do ano de 2014 com um grupo de crianças de 4 e 5 anos do 2º período da Educação Infantil de uma escola pública municipal da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. A referida pesquisa foi financiada pelo Fundo de apoio à Pesquisa na Educação Básica – FAPEB – em cooperação com o grupo de pesquisa Linguagem, infâncias e educação – LINFE –, no âmbito da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais. Para o desenvolvimento deste projeto contamos com a participação da professora proponente que coordenou todo o processo, uma professora colaboradora, além de uma bolsista, à época, graduanda do curso de pedagogia da UFJF.

A instituição onde o trabalho foi desenvolvido funciona em tempo parcial (4 horas diárias), e atende crianças da Educação Infantil e do 1º ano do Ensino Fundamental, com um público majoritariamente formado por crianças que moram em bairros adjacentes visto que sua localização é central. Essa escola opera em dois prédios separados, ambos no mesmo bairro e alugados pela prefeitura. Diante disso, consideramos que o espaço físico da escola não é adequado às crianças: as salas de atividades são pequenas e o espaço externo é praticamente inexistente em ambos os prédios.

Mesmo o espaço físico da instituição sendo adaptado, nós buscamos alternativas para a utilização de todos os espaços dispostos como ricos ambientes para o

desenvolvimento das atividades propostas às crianças. Assim, a sala de atividades e um pequeno "hall" de entrada foram utilizados, por exemplo, tanto para a contação de histórias, quanto para as encenações das crianças que foram registradas com a filmadora e também em notas de campo.

As reflexões que buscamos tecer nesse trabalho nos remeteram a questionar: como os processos de criação na infância podem se desencadear através da/na leitura literária e brincadeiras de faz-de-conta realizadas na sala de atividades? Partimos do pressuposto de que o desenvolvimento da imaginação infantil se constitui a partir das vivências que as crianças têm umas com as outras, com os materiais disponibilizados e com o espaço onde convivem, já que nessas interações as crianças produzem sentidos e compartilham significados comuns aos enunciados existentes.

A metodologia adotada para o desenvolvimento do trabalho na escola foi a observação participante, de abordagem qualitativa, que consistiu na entrada do pesquisador no interior do grupo de crianças, tornando-se parte delas, interagindo por longos períodos com elas, buscando partilhar o seu cotidiano para perceber como era estar na situação de criança, vivendo suas infâncias.

Nossas reflexões teóricas nesse artigo, vão ao encontro da teoria desenvolvida por Lev S. Vigotski (2010). Esse teórico buscava compreender o sujeito em sua unidade, colocando em diálogo aspectos internos e externos de formação da personalidade, ou seja, a constituição do sujeito enquanto ser biológico e cultural e seu processo de constituição em relação ao seu meio, no plano interindividual. Nesse entendimento sujeito e meio formam uma mônada e só podem ser compreendidos na unidade de suas vivências.

Vigotski (2010) chama atenção para a unidade existente entre sujeito e meio. Segundo o teórico, “[...] a relação entre o meio e a criança fica sempre no centro e não unicamente o meio, nem unicamente a criança, em separado” (VIGOTSKI, 2010, p. 691).

Nesse sentido, pensar nas crianças e em suas vivências é pensá-las inseridas em contextos históricos e culturais e reconhecê-las em suas relações dialéticas com o mundo. A criança constitui-se em sua unidade com o meio, em suas relações com as produções culturais; numa perspectiva de unidade, ela vai se constituindo como ser humano. Nesse sentido, suas relações com narrativas literárias são, de certa forma, relações com o mundo possibilitadas pela linguagem.

A filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin nos permite pensar sobre a constituição da linguagem na formação dos sujeitos, uma vez que esse autor afirma que todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, já que ela se dá numa situação social, histórica e concreta. Bakhtin ainda contribui para pensarmos nas relações pedagógicas, como relações de alteridade, pois no processo educativo professor e crianças aprendem e ensinam, num insistente diálogo com o outro. Nas palavras de Geraldi (2013),

Não há educação fora da relação entre o eu e o outro, e tal como em Bakhtin, desta relação, com a alteridade nenhum dos dois sai inalterado, ninguém sai como entrou. Se no mundo da vida não saímos de um diálogo sem com ele nos enriquecemos, também nos processos educativos professor e aluno saem diferentes, porque nessa relação ambos aprendem (...) ambos incompletos, só temos uma forma de relação que possa preencher o vazio: a aproximação dialógica é a

forma de encontrar completudes provisórias. (GERALDI, 2013, p. 15 *apud* FREITAS, 2013).

Esses autores nos permitem compreender os processos educativos considerando as crianças enquanto sujeitos histórico-culturais que possuem uma voz reveladora e são produtores de conhecimento e cultura.

Isso posto, inicialmente apresentaremos as intervenções realizadas com as crianças na escola, a partir da leitura de textos literários, que objetivaram o enriquecimento da imaginação criativa das crianças. Em seguida, abordaremos as múltiplas linguagens como promotoras de formulações de conhecimentos e saberes que vão além das linguagens verbais e escritas e a culminância do projeto desenvolvido.

Enriquecendo a imaginação criativa das crianças

Quando começamos a desenvolver o projeto, nosso movimento inicial foi o de escuta às crianças, pois queríamos saber o que elas tinham a dizer sobre a proposta de realizar um filme, e também como esse processo poderia acontecer. O fragmento abaixo é revelador das concepções das crianças sobre a atividade de construção de um filme.

“O que vocês acham que é preciso para fazer um filme? E as crianças respondem animadas: fantasia, princesa, máscara, espada, vassoura mágica, tigre, cenário, floresta de bicho. Falam que a Bruxa vive numa floresta abandonada perto do castelo e começam a escolher seus personagens”. (Notas de campo 23/05/2014)

Nessa conversa com elas, percebemos que nosso primeiro desafio era o de possibilitar às crianças experiências significativas com o texto literário, para que elas pudessem adquirir seus próprios repertórios, possibilitando o enriquecimento da imaginação infantil. Nossa intenção foi a de proporcionar momentos de fruição literária e de brincadeiras de faz-de-conta, com o objetivo de que durante essas vivências as crianças pudessem, gradativamente, construir suas próprias narrativas e posteriormente a história do filme, num processo contínuo e permanente.

Por isso iniciamos o trabalho com as crianças utilizando pequenas narrativas. Essas histórias mais curtas e contadas repetidas vezes permitiram uma apropriação mais rápida e bem sucedida. Essas intervenções foram despertando nas crianças o interesse por narrar, dramatizar e escutar essas histórias. Vigostki (2009) afirma que “a conclusão pedagógica a que se pode chegar consiste na afirmação da necessidade de ampliar a experiência da criança, caso se queira criar bases suficientemente sólidas para sua atividade de criação”. (VIGOSTKI, 2009, p.23). Ainda de acordo com esse autor, o cérebro do homem assim como da criança possui plasticidade, ou seja, modifica-se sob influência de estímulos. Tais modificações são conservadas se os estímulos são repetidos com frequência. Assim o cérebro mostra-se um órgão que conserva nossa experiência anterior e facilita a reprodução, reelaborando de forma criadora.

Nesse sentido, com o intuito de proporcionar vivências de leitura literárias às crianças, a professora narrava uma história, ou a pedido das mesmas, recontava uma história já lida. Essa atividade era realizada em todas as aulas da semana. Algumas narrativas eram encenadas em forma de teatro pelas crianças e nessas situações percebíamos como elas estavam se apropriando das histórias, recriando-as a sua própria maneira. Notamos que a narrativa literária se tornou uma forma das crianças

intercambiarem suas experiências com seus pares, com os adultos e com o mundo, pois nessa atividade elas produziam sentidos e compartilhavam significados para o lido e vivido.

Atrelado às contações de histórias e encenações teatrais, em alguns momentos dos encontros deixávamos as crianças livres para brincar, e ficávamos observando seus movimentos durante as brincadeiras de faz-de-conta. Percebemos, no desenrolar dessas atividades, que as crianças incorporavam elementos das histórias já trabalhadas, ressignificando-as de forma criativa. Sobre isso, Vigostki (2009) destaca que podemos identificar nas crianças processos de criação que se expressam melhor em suas brincadeiras.

As observações dos momentos em que crianças brincavam se configuravam em ricos momentos de "escuta", pois era durante a brincadeira que as crianças manifestavam seus modos próprios de ver, sentir e compreender o mundo. Corsaro (1986) que trata das relações entre pares e sobre as trocas e brincadeiras entre crianças rompe com paradigmas que conceituavam as crianças como objetos da ação dos adultos. Em um de seus estudos, Corsaro (1986) concluiu que, quando as crianças interagem representando papéis e deixam a sua imaginação livre tentam adquirir certo controle sobre suas próprias vidas, compartilhando esse controle entre seus pares.

Durante as observações das brincadeiras, bem como desde o início da conversa com as crianças, percebemos que a personagem bruxa e também a vassoura mágica estavam sempre presentes nos diálogos, nas narrativas das crianças e em suas brincadeiras. A partir disso, levamos até a sala de atividades uma “vassoura de bruxa”, com o intuito de perceber as interações das crianças com esse objeto. O fragmento apresentado abaixo, expressa como a situação ocorreu.

“Neste dia E. levou uma vassoura de bruxa para a escola e a colocou em um canto próximo a entrada da sala de atividades das crianças. Quando descemos com as mesmas do refeitório, um menino avistou a vassoura e chamou as demais crianças. Elas ficaram eufóricas com a vassoura, e muitas ideias começaram a surgir sobre seu aparecimento na escola. As crianças começaram a brincar com a vassoura e as demais fantasias que estavam disponibilizadas para elas na sala, e assim o enredo da história que havia aparecido na brincadeira anterior ganhou materialidade nesse momento e foi ganhando força na imaginação dos pequenos”. (Nota de campo 19/08/2014).

Notamos que a vassoura da bruxa foi o elemento propulsor do início e desenvolvimento da história. As crianças já estavam exercitando com mais criatividade a imaginação, mas a vassoura surgiu com elemento mágico, proporcionando encantamento nas crianças. Com isso o estímulo para a criação de uma narrativa cresceu significativamente. Nesse sentido, as palavras de Vigotski (2009) nos ajudam a pensar no ato de criação, que está ancorado na experiência, uma vez que, para esse autor, toda atividade da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade.

Percebemos com isso, que o objeto “vassoura da bruxa” foi significativo para o desencadeamento da história, pois as crianças, desde a mais tenra idade, encontram, na maioria das vezes, nas narrativas literárias, a personagem bruxa. Em suas brincadeiras, a Bruxa também sempre está presente e exerce importante papel. Quando as crianças encontraram uma vassoura na sala de aula, elas puderam se deslocar da realidade para a fantasia, e iniciaram um processo de criação da história, tomadas pelo real e o imaginário, construindo novos sentidos para suas produções. Sobre isso, Vigotski

(2009) afirma que “a primeira forma de relação entre imaginação e realidade consiste no fato de que toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa”. (VIGOTSKI, 2009, p. 20).

O modo como as crianças percebem e vivem no mundo ficaram evidenciados quando encontraram a vassoura esquecida em um canto. As crianças viram com olhos sensíveis o bastante para enxergar num simples objeto algo de mágico e encantador.

A seguir buscamos refletir sobre as múltiplas linguagens com as quais as crianças se expressaram durante processo e criação da narrativa fílmica. Afinal, a criança é feita de cem linguagens, cem pensamentos, cem modos de pensar de jogar e falar como nos ensina Malaguzzi (1994).

A construção da narrativa

A partir do interesse das crianças pela criação da história, tendo como objeto propulsor a vassoura da bruxa, iniciamos junto a elas o processo de construção da narrativa. Em alguns encontros, enquanto as crianças brincavam pela sala, percebemos elementos constitutivos do narrar em suas brincadeiras de faz-de-conta. Durante essas atividades as crianças criavam personagens, cenas, enredo e o clímax da história. Percebendo isso, convidamos os pequenos para uma roda de conversas, que tinha como principal foco escutar as crianças para compreender como os elementos que surgiram em suas brincadeiras poderiam constituir nossa história.

Nesse diálogo com os pequenos, notamos construções valiosas e interessantes que nos permitiram pensar o desenvolvimento da imaginação criativa na infância. O fragmento abaixo nos mostra como essas conversas se desenvolveram.

A história é de uma bruxa que morava no mato e veio para o castelo, pois queria transformar todos em bruxos. A bruxa transformou uma princesa (Marcela) em bruxa e ela tem o compromisso de guardar os prisioneiros caçados.” Gabriel e Arthur começam a falar sobre o feitiço da bruxa: “A bruxa pega o vidro com o líquido e coloca na varinha”. Para jogar o feitiço nas princesas a bruxa fala as palavras mágicas: “abracadabra” e assim as princesas viram bruxas. Quando os príncipes vão desfazer o feitiço das princesas eles têm que falar as palavras mágicas: “abacadriba” e assim todos voltam a ser o que eram antes. (Nota de campo 05/09/2014).

Em outro encontro, quando propomos a continuação do processo de criação da narrativa, percebemos como as crianças recordaram facilmente as construções feitas nos encontros anteriores, e como, a partir dessas primeiras construções, desenvolveram mais facilmente o enredo da história. A bolsista voluntária do projeto se tornou a escriba das crianças, e as mesmas, demonstravam uma preocupação em narrar os fatos de tal maneira que a história construída tivesse um enredo interessante, com início, meio e fim. O fragmento abaixo nos mostra as novas criações das crianças a partir dos elementos já construídos anteriormente.

“Tem uma casa muito grande no meio do mato, perto de uma árvore envenenada, que a bruxa mora e todos os feitiços e comidas que ela precisa estão lá. A princesa que mora no castelo é transformada em bruxa aí o príncipe tenta transformar ela de volta ao normal. A bruxa quer pegar as coroas das princesas e transformar elas em bruxas. O

rei vai mandar os piratas irem para a floresta, mas eles só têm espada. No castelo tem uns cachorros que tem veneno no dente e eles vão junto com os piratas para a floresta atrás da bruxa, pelo olfato. Os cachorros têm que morder na bruxa para ela virar uma bruxa do bem. Os príncipes têm que pegar as coroas para salvar o reino. Tem uma ponte que separa a floresta do castelo, mas os príncipes ficam coçando muito quando entram no mato”. (Nota de campo 12/09/2014).

Nos encontros que se seguiram, procuramos elaborar, juntamente com as crianças, um final para a história, que foi intitulada de “A Bruxa e o Reino Encantado”. A partir disso, iniciamos a teatralização da história, que se deu repetidas vezes no ambiente escolar. Notamos durante esse processo, que as crianças se apropriaram efetivamente a história, a partir das leituras feitas pela professora e dos ensaios para a gravação das cenas. Nessas encenações, as crianças tinham acesso às fantasias, acessórios e materiais que constituíam o figurino dos personagens e o cenário da história.

Em alguns encontros, após realizarmos as encenações da história, separávamos as crianças em pequenos grupos e propúnhamos que elas expressassem por meio de desenhos algumas cenas da história, construídas por elas. Os desenhos se constituíram como importante material que subsidiou a produção do filme bem como a criação do livro.

O trabalho de produção fílmica com as crianças envolveu as múltiplas linguagens que expressavam aspectos que traduzem as características da linguagem própria das crianças: imaginação, ludicidade, simbolismo, representação. Para a criança, a linguagem tem um caráter comunicativo. Assim, toda e qualquer forma de linguagem representa possibilidades. Entendemos então, que as múltiplas linguagens constituem o acervo de manifestações das quais as crianças utilizam para se comunicar.

Nesse sentido, compreendemos que o trabalho com a leitura literária possibilitou às crianças a ampliação de seus repertórios narrativos, o desenvolvimento da imaginação criativa – através das representações teatrais, das brincadeiras, do desenho e a produção de um filme, que como produto final desse trabalho, envolveu um trabalho que contemplou as múltiplas linguagens das crianças.

Algumas considerações

Buscando apresentar algumas considerações finais ao presente texto, deparamo-nos uma vez mais com a questão que originou o projeto descrito neste trabalho: como a criatividade das crianças se desencadeia quando é possibilitado a elas repertórios diversos tais como leitura de obras literárias, momentos de brincadeiras de faz-de-conta, com oferta de artefatos variados tais como fantasias, acessórios e momentos mágicos como foi à descoberta da vassoura da bruxa.

Compreendemos que desenvolvimento da imaginação infantil se constituiu a partir das vivências que as crianças tiveram umas com as outras, com os materiais disponibilizados e com o espaço onde conviveram. A atividade de criação na primeira infância permitiu às crianças construir sentidos e significados para suas criações literárias.

As palavras de PEREIRA et al (2012) nos ajuda a refletir sobre a pesquisa com crianças.

Quando realizamos uma pesquisa com crianças interessam-nos observar o modo como as crianças se relacionam com as produções culturais, bem como os diversificados processos a partir dos quais as crianças são convidadas a pensar sobre si e sua condição social. Isso se mostra nas maneiras infantis de brincar, dialogar, escolher, apresentar-se e posicionar-se sobre o mundo. (PEREIRA, R.R.; et al 2012, p. 54).

Tomando como base a filosofia da linguagem de Bakhtin pensamos a educação como experiência humana, uma articulação entre conhecimento, arte e vida. A educação precisa ser vista como experiência humana nas suas dimensões epistemológicas, ética e estética.

Nesse sentido acreditamos na necessidade de tornar as crianças protagonistas das intervenções pedagógicas, construindo juntamente com elas as situações de ensino-aprendizagem, sendo o professor o mediador de suas relações uns com os outros e com o mundo, possibilitando, assim, o desenvolvimento da imaginação criativa na infância.

As idéias das crianças, quando ouvidas, nos mostram que “um mais um pode ser muito mais que dois”, como ensinam alguns artistas ou mesmo que é possível formular conhecimentos e saberes muito além das linguagens verbais ou escritas. Essas crianças altamente capazes e desejosas de expressar-se utilizaram para isso as diferentes linguagens.

Nesse trabalho, ancorado no ato de narrar, não buscamos uma única interpretação ou apenas o que o texto dizia, mas sim aquilo que somos capazes de pensar com as crianças, com a história e a partir das leituras. Nesse sentido, mais importante que as respostas, foram as perguntas, os questionamentos e desdobramentos que a leitura e ato de narrar suscitaram nas crianças.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

CORSARO, W. A. **Discourse processes within peer culture: From a constructivist to an interpretive approach to childhood socialization**. In P. A. Adler & P. Adler (Eds.), *Sociological studies of child development* (Vol. 1, pp. 81-104). Greenwich, CT: JAI Press, 1986

FREITAS, M.T. (org.). **Educação, arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MALAGUZZI, L. **Ao contrário as cem existem**. Bambini. Milão, Fev/ano X, nº 2, 1994.

PEREIRA, R. M. R; MACEDO, N. M. R. (Orgs.). **Infância em pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012.

VIGOTSKI, L. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores. Apresentação e comentários: Smolka, A. L. Tradução: Prestes, Z. 1ª Edição**. São Paulo: Ática, 2009.

_____. **A quarta aula:** a questão do meio na pedologia. Trad. Márcia Pileggi Vinha. Psicologia USP, São Paulo, 21(4), 681-701, 2010.